



Além dos Sinais

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia (CFF).
E-mail presidência@cff.org.br

Três fatos recentes traduzem, com especial nitidez, o momento de crescimento da profissão farmacêutica, no Brasil. Em Belo Horizonte, de dez a 14 de junho, cerca de 4 mil analistas clínicos, em sua ampla maioria formada por farmacêuticos-bioquímicos, participaram do “34º Congresso Brasileiro de Análises”, buscando qualificação profissional, aprimoramento científico e conhecimento sobre novos equipamentos. Quase ao mesmo tempo (de sete a nove de junho), 1.500 farmacêuticos hospitalares de todo o País rumaram para Goiânia, em busca de excelência no setor. Eles participaram do “VI Congresso Brasileiro de Farmácia Hospitalar” e do “III Encontro de Professores de Farmácia Hospitalar”. Por outro lado, o Ministério da Saúde acaba de convidar o Conselho Federal de Farmácia para desenvolver uma parceria que resulte na tão desejada organização da assistência farmacêutica no SUS (Sistema Único de Saúde) com a inclusão dos nossos serviços profissionais.

O evento, em Belo Horizonte, foi realizado pela SBAC (Sociedade Brasileira de Análises Clínicas). Ele foi um termômetro do setor, que anda por duas vias paralelas.

A via aplainada e reta, aberta pelos próprios farmacêuticos-bioquímicos, vai dar na excelência técnica, na primazia científica. São conquências da qualificação sem tré-gua dos profissionais.

A outra via é tortuosa e dá no charco da remuneração aviltante praticada pelo SUS aos serviços prestados pelos laboratórios de análises clínicas. Os laboratórios são parceiros do SUS e não merecem ser tratados com tamanha indignidade.

E ainda pesa sobre o setor a sufocante carga tributária de 32% sobre os serviços prestados. Ou seja, de fora, é só desestímulo. O Presidente da SBAC, Dr. Ulisses Tuma, está articulando a inserção dos laboratórios no rol das micro e pequenas empresas, com vistas a baixar a carga tributária. Os laboratórios movimentam R\$ 900 milhões por ano e congregam 200 mil profissionais diretos e 1 milhão indiretamente, em todo o País. Segundo a SBAC, há 20 mil laboratórios de análises clínicas, entre grandes, médios e pequenos estabelecimentos, no País. Eles realizam cerca de 10 milhões de exames por mês.

Mas fiquemos com a parte dos bioquímicos, que é a mais bela do contexto das Análises Clínicas: a

excelência profissional. É incrível o que se vê: a busca diuturna dos bioquímicos pela qualificação, através de cursos de especialização, de pós-graduação *lato e stricto sensu*. É a maneira de eles não ficarem fora do mercado e a única forma de prestarem serviços de

qualidade à população. A saúde não existiria sem os analistas clínicos. Eles garantem a confirmação do diagnóstico.

Das Análises Clínicas, vamos para a Farmácia Hospitalar: eis, aqui, outra atividade farmacêutica que nos faz encher de orgulho. Em Goiânia,

farmacêuticos hospitalares foram matar a sua insaciável sede de conhecimento e qualificação. Os eventos discutiram temas relacionados à humanização, tecnologia e conhecimento na busca da excelência. Sempre a excelência!

A demanda por informações foi tão grande, que, este ano, a Sbrac (Sociedade Brasileira de Farmácia Hospitalar), entidade realizadora dos eventos e presidida pela Dra. Maria Rita Garbo Novaes, teve que agregar algumas novidades, como a realização paralela do “Encontro de Residências em Farmácia Hospitalar”, do “Encontro da Rede Sul-Americana de Atenção Farmacêuti-

“É incrível o que se vê: a busca diuturna dos bioquímicos pela qualificação, através de cursos de especialização, de pós-graduação *lato e stricto sensu*”

ca”, do “Simpósio do Uso Racional de Medicamentos no Âmbito Hospitalar” e do “Simpósio de Boas Práticas de Farmácia Hospitalar”. Tudo para que o profissional atinja a excelência para desempenhar, de

forma qualificada, as atividades gerenciais, técnicas e clínicas de sua responsabilidade. Os eventos da Sbraf contaram com o apoio do CFF.

O farmacêutico hospitalar é um profissional irrequieto em sua busca permanente pela excelência.

De pouco tempo para cá, ele passou a se especializar em áreas dentro do setor, como a oncologia, a UTI etc., o que implica em mais conhecimento.

Mas os farmacêuticos hospitalares vivem dificuldades impostas por diretores de hospitais, que não compreenderam, ainda, o quanto os profissionais representam ganhos de qualidade e benefícios para os seus estabelecimentos e para os usuários dos seus serviços, além de agregar valores, melhorando a sua rentabilidade. Mas fiquemos, também, com a parte boa do setor: a grandeza do farmacêutico que, ciente de suas responsabilidades sanitária e social, cresce por dentro: em sua perfeição profissional.

Agora, falemos daquela que tem sido uma de nossas lutas mais renhidas: a inclusão do farmacêutico no SUS. Quem leu o meu artigo, na edição anterior desta revista, tomou conhecimento do nosso desapontamento quanto às reviravoltas ocorridas, no Ministério da Saúde – mais precisamente no DAF (Departamento de Assistência Farmacêutica), onde estava sendo

gestada a organização da atenção farmacêutica no serviço público.

Reviravolta, por causa da edição da Portaria 204, de 29 de janeiro de 2007. Ela revogou a Portaria 698/06, elaborada com a participação do CFF e na qual apostávamos todas as fichas, porque sabíamos de suas possibilidades na construção de uma avançada assistência farmacêutica para o País. A 698/06 propunha soterrar o equívoco do Ministério da Saúde segundo o qual a manutenção e a cura das doenças resumem-se, em se tratando de terapia medicamentosa, à entrega do medicamento ao paciente, sem o acompanhamento farmacêutico.

A 698/06 criava um bloco exclusivo para o financiamento da assistência farmacêutica. Nesse bloco, havia um componente que tratava unicamente da organização dos serviços farmacêuticos no SUS. Era, portanto, a consagração, dentro da MS, da lógica de que os programas do SUS não podem prescindir dos serviços farmacêuticos.

Contudo, o Ministério revogou, em janeiro deste ano, a Portaria 698/06 e editou a 204/07, que retirou do bloco da assistência o componente que a organizava e assegurava os recursos para o seu custeio e o transfere para o bloco da gestão do SUS. Entendemos que, assim, o Governo disponibilizaria, sim, recursos para a assistência farmacêutica, mas nenhum recurso para a implantação e estruturação dos serviços. Um passo atrás.

Agora, o Ministério da Saúde convida-nos para uma parceria, com vistas a se retomar o fio da meada perdido e se organizar os serviços farmacêuticos no SUS. Entendemos como uma prova de que sempre estivemos no caminho certo, quando defendíamos as nossas mesmas posições.

De nossa parte, a disposição é a mesma para colaborar. Houve mudanças no DAF/MS e parece

que o Departamento fez dissipar o nevoeiro que turvava a sua visão sobre a realidade da saúde brasileira em que pese a questão da assistência farmacêutica.

Não custa repetir que o Ministério da Saúde tem ampliado, ano a ano, os seus gastos na aquisição de medicamentos. Mas isso, por si só, não responde à demanda da população. O povo brasileiro carece, também, e muito, de serviços farmacêuticos. Não basta o medicamento. Sem os serviços farmacêuticos, o medicamento representa insegurança para o paciente e maior custo para os cofres públicos.

Dando a pouca importância que sempre deu ao ciclo da assistência farmacêutica, o Ministério acaba por gastar muito mais do que precisaria com a aquisição, com o armazenamento, com a distribuição e com a dispensação dos produtos farmacêuticos. Outro problema que não podemos deixar de citar, este de natureza jurídico, é que a dispensação é um ato exclusivo e intransferível do farmacêutico. Ora, cometer essa irregularidade dentro do próprio Ministério da Saúde faz dobrar em tamanho a desobediência.

Mas o Conselho Federal de Farmácia alegra-se com o aceno do Ministério da Saúde, através do Diretor do DAF, farmacêutico Dirceu Barbano, que ocupou o cargo por ocasião da edição da Portaria 698/06. Ele propõe uma união de forças conosco. Este é o espírito do Ministério tendo à frente o Ministro José Gomes Temporão, homem de visão social da realidade sanitária e bom gestor. E não há nada mais social que a atenção farmacêutica.

“O farmacêutico hospitalar é um profissional irrequieto em sua busca pela excelência. Ele passou a se especializar em áreas dentro do setor, o que implica em mais conhecimento”.

“O Ministério da Saúde convida-nos para uma parceria, com vistas a se retomar o fio da meada perdido e se organizar os serviços farmacêuticos no SUS”.